



Ailton Krenak, pessoa-poesia em performance

Míriam Silva^I

Florence Dravet^{II}

^IUniversidade de Sorocaba – UNISO, Sorocaba/SP, Brasil

^{II}Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília/DF, Brasil

RESUMO – Ailton Krenak, pessoa-poesia em performance¹ – Objetiva-se aqui fazer uma leitura do movimento entre mundos de Krenak a partir da observação de sua performance nas mídias e espaços institucionais, a exemplo de seu ingresso na Academia Brasileira de Letras. Por meio do ensaio e da noção de pessoa-poesia, utiliza-se a metodologia antropofágica, com a leitura crítica e compreensiva de sua obra na relação com outros referenciais. Foi feito um movimento dialógico ao se pensar a pessoa-poesia a partir da filosofia de Krenak e, ao mesmo tempo, a expressão de sua filosofia e ação política. Conclui-se que a poesia em Krenak é uma condição ontológica, a própria vida que se manifesta no corpo, na palavra e na ação política e lhe permite desenvolver sua performance. Palavras-chave: **Ailton Krenak. Poesia. Ativismo Político. Performance. Antropofagia.**

ABSTRACT – Ailton Krenak, person-poetry in performance – The aim here is to read Krenak's movement between worlds based on the observation of his performance in the media and institutional spaces, such as his entry into the Brazilian Academy of Letters. Through the essay and the notion of person-poetry, the anthropophagic methodology is used, with the critical and comprehensive reading of his work in relation to other references. A dialogical movement was made when thinking about the person-poetry based on Krenak's philosophy and about the expression of his philosophy and political action. It is concluded that poetry in Krenak is an ontological condition, life itself that manifests in the body, in words and in political action and allows him to develop his performance.

Keywords: **Ailton Krenak. Poetry. Politic Activism. Performance. Anthropophagy.**

RÉSUMÉ – Ailton Krenak, personne-poésie en performance – L'objectif ici est de faire une lecture du mouvement de Krenak entre les mondes en observant ses performances dans les espaces médiatiques et institutionnels, telle que son entrée à l'Académie Brésiliennes des Lettres. À travers l'essai et la notion de personne-poésie, la méthodologie anthropophage est utilisée, en faisant une lecture critique de son œuvre articulée à d'autres références. Un mouvement dialogique a été fait entre la personne-poésie basée sur la philosophie de Krenak et l'expression de sa philosophie et de son action politique. Pour conclure, la poésie chez Krenak est une condition ontologique manifestée dans le corps, les mots et l'action politique lui permettant de développer sa performance.

Mots-clés: **Ailton Krenak. Poésie. Activisme Politique. Performance. Anthropophagie.**

Introdução

Aqui propomos uma leitura do movimento entre mundos de Ailton Krenak, a partir do conceito de pessoa-poesia, com a abordagem das noções de pessoa e poesia. Em Krenak, essas duas noções se fundamentam em uma episteme outra, que antecede a história colonial e tem suas raízes na floresta. Tais fundamentos não impedem o filósofo de estabelecer diálogos com pensamentos que florescem após os contatos entre indígenas e brancos, já que o poeta e filósofo da floresta combina em sua fala porções cosmogônicas de nações indígenas distintas, tais como a Xavante e a Yanomami, ao mesmo tempo em que abraça aquilo que interessa do Ocidente, em um processo antropofágico de digestão crítica das diferenças, que deve ser entendido para além da proposta de Oswald de Andrade no *Manifesto antropófago*, escrito em 1928. Em uma interpretação contemporânea, a antropofagia a que nos referimos configura-se como uma poética, que pode ser compreendida por um viés decolonial e ativista, um processo de vingança crítico-criativa, que busca diminuir as assimetrias entre a cultura do invasor e a da tradição (Silva, 2023).

Podemos identificar uma poética antropofágica em Krenak, ao mesmo tempo em que utilizamos a antropofagia como método, com um exercício imersivo /compreensivo no pensamento do filósofo da floresta, deixando-nos devorar por ele e colocando-o em diálogo com outros referenciais, em convergência com o que é proposto por Gardel (2019, p. 2), uma “metafísica da predação canibal, cuja relação sujeito-alteridade constrói a própria realidade, por meio de uma multipolaridade de perspectivas entredevorantes, em constante metamorfose”. Reconhecemos, como Gardel (2019, p. 3), que a antropofagia, uma “figura poética / noção polêmica, fundadora de uma realidade experimental e rizomática, que se espraia por nossa contemporaneidade, tem se mostrado ainda muito produtiva”. Tal método “[...] convida a um tecer e destecer a trama complexa de fenômenos, procedimentos, atitudes, compostos de uma multiplicidade de referências que auxiliam a lançar olhares para a sua natureza, sua identidade, sua história e seus contextos” (Silva; Silva, 2023, p. 103). Como exposto em trabalho anterior:

Enquanto metodologia, a antropofagia é política, complexa e dialógica, porque permite uma compreensão alargada das conexões possíveis entre territórios aparentemente opostos, tais como primitivo e civilizado, cultura e natureza, colonizador e colonizado, erro e acerto, arte e cotidiano, ciência e senso

comum, interior e exterior, estabelecendo zonas de cruzamento criativo entre territórios aparentemente separados e inconciliáveis. Como método, a antropofagia permite que a cultura seja percebida de uma forma dinâmica e pulsante, por sua capacidade de produzir novos entrelaçamentos e sínteses, não sem conflitos. De acordo com Oswald, interessa o que é do outro: na frase do Manifesto Antropófago: ‘Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago’ (ANDRADE, 1990, p. 47). O procedimento é o de olhar para as diferenças, a fim de assimilar, digerindo-as criticamente e transformando-as (Silva; Silva, 2023, p. 107).

É com base nessa metodologia de mastigação de múltiplas referências que nos aproximamos de Zumthor (1993), especialmente de seu conceito de performance. Miranda e Pires (2017) afirmam que, na percepção de Zumthor, a modernidade nos tornou, a partir da compreensão cartesiana, “mentes pensantes sem um corpo: existimos porque pensamos, e não porque sentimos” (Miranda; Pires, 2017, p. 281). As autoras explicam que:

A ausência de implicação do corpo na percepção faz parte da problematização que Zumthor coloca em torno da estrutura sujeito-objeto positivista. Em oposição a este cenário, a voz e a poesia trazem para a discussão a concepção de performance como momento em que o sentido e a percepção estão em causa coetaneamente. Este é um conceito-chave para Zumthor, que reflete a possibilidade de interação e imbricação entre corpo e obra, prazer e sentido. Frente às tradições modernas, o autor busca a reinserção do corpo na experiência e percepção poéticas enquanto performance. Esta nada mais é do que um momento privilegiado da transmissão e da percepção que revela a forma do poético – estrutura perceptiva realizada que se dá em copresenças (Miranda; Pires, 2017, p. 281).

Para explicar o que entendemos como poesia neste trabalho, valem-nos de Octavio Paz (2012), que define a poesia como estado de coisas, distinguindo-a do poema, visto como uma estrutura literária na qual pode ou não haver poesia. Para ele, a poesia pode habitar uma paisagem, uma imagem ou mesmo uma pessoa. Em diálogo com a aceção de Paz e com Edgar Morin (2005), pensamos a pessoa-poesia como detentora de um modo singular de ver e estar no mundo, que assim como a própria poesia, foge à lógica funcionalista e percebe a possibilidade de conexão criativa entre coisas e ideias, pois traz em si a capacidade de conectar, traduzir, congregar e arrebaratar outras pessoas, convidando a uma visão aberta, dialógica e complexa dos fenômenos.



Segundo Morin (1998), a poesia serve para nos colocar em estado poético. A pessoa-poesia, pensamos, age poeticamente no mundo, modificando-o com o seu olhar e vislumbrando múltiplas possibilidades de se fruir a existência. Como um centro irradiador de um conhecimento que vincula tempos e espaços distintos, Ailton Krenak é pessoa-poesia, em sua capacidade de abertura para ser-com-os-outros, de ser-outros, de ser ele mesmo, herdeiro krenak, antes de ser mineiro, nascido em Itabirinha. É um *medium* entre pluriversos que não se excluem (Kothari *et al.*, 2021), quando transita entre a floresta e a cidade grande. Tem o dom da palavra, somada ao gesto, à expressão ora grave ora serena de seu rosto, ao utilizar a oralidade e o corpo em performance para comunicar suas ideias, muitas vezes por meio de imagens poéticas, em palestras, rodas de conversa e entrevistas, sejam presenciais ou, desde a pandemia de Covid, com o uso dos recursos das redes sociais digitais. Parece-nos possível aproximar a performance de Krenak, feita para uma percepção sinestésica, palavra-viva, da ideia de Zumthor (1993, p. 220) sobre a voz, capaz de “carregar, ampliar, indicar sua autoridade, sua ação, sua intenção persuasiva. Usa o próprio silêncio que ela motiva e torna significante”. A voz de Ailton Krenak convida-nos também ao silêncio, à poesia como o “campo da escuta” (Castro; Dravet, 2014, p. 16), provocando-nos a interagir com seu corpo, palimpsesto poético (Silva, 2012), composto por adornos carregados de sentido, que oferecem camadas e mais camadas de narrativas a serem des-veladas e re-veladas.

Na tentativa de alcançar o rastro da ideia chave com a qual estamos trabalhando, aplicada à vida e obra de Ailton Krenak, em um primeiro momento, tratamos da noção de pessoa como categoria do pensamento, considerando a contribuição do escritor e filósofo indígena para pensá-la em articulação com a poesia. Em seguida, tratamos sob três aspectos a pessoa-poesia Ailton Krenak: 1) mostrando, a partir de dados biográficos, o seu papel de “medium entre-mundos” (Castro; Dravet, 2014); 2) apresentando o caráter coletivo da pessoa de Krenak em uma perspectiva filosófica indígena, que ele mesmo dá a conhecer em sua obra; 3) abordando sua visão poética sobretudo no que tange à relação da pessoa com a natureza e com o corpo, implícita na tradição oral a que ele se vincula.

Antropofagicamente, devoramos a obra de Ailton Krenak, utilizando-nos da observação e da escuta atenta, a fim de obter algum tipo de compreensão do outro, representado pelo filósofo indígena, cujas raízes epistemoló-

gicas também são outras. Tal busca por compreensão implica em afastar-se das premissas e referências iniciais, para melhor observá-las, em um movimento que se propõe a ser antropofágico, pois é simultaneamente crítico e compreensivo. Também pretendemos exercitar o movimento dialógico entre a aplicação conceitual da ideia de pessoa-poesia e os conhecimentos que podem advir do sujeito que está sendo observado e escutado: Ailton Krenak.

Dessa forma, observaremos inicialmente as reflexões de Mauss (2003), Lévy-Bruhl (2008) e Geertz (2012) sobre a construção da noção de pessoa tal como essa se deu no ocidente, a fim de confrontá-las à noção indígena de pessoa na perspectiva do filósofo Ailton Krenak e tal como ela nos aparece em sua obra. A partir dessa confrontação, aproximaremos o pensamento de Edgar Morin e de Darcy Ribeiro ao de Krenak, de modo a perceber confluências possíveis que permitam concluir algo a respeito do conceito com o qual estamos trabalhando. Em uma segunda parte do artigo, mostraremos aspectos biográficos que fizeram de Krenak um tradutor de mundos. Em seguida, trataremos do modo como o filósofo se vale da oralidade e como essa oralidade implica numa relação com o corpo e com a natureza, própria a seu pertencimento indígena. As obras de Ailton Krenak (2019; 2020; 2022; 2023) estudadas e utilizadas aqui são seus quatro livros mais recentes, sua contribuição à *Caixa de dramaturgias indígenas* (Dorrico; Recaldes, 2023), mas também suas entrevistas compiladas em livro (Cohn, 2015; Krenak; Campos, 2022). Recorremos ainda a algumas de suas obras audiovisuais, especialmente o filme *Ailton Krenak - O sonho da pedra* (2018), a série *Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida* e o relato autobiográfico de Krenak no *Museu da Pessoa* (2007).

A noção de pessoa e seus vínculos com a poesia

O sociólogo Marcelo Mauss (2003) dedicou um ensaio à história sociológica da noção de pessoa, uma das categorias do pensamento que o senso comum ingenuamente banaliza como se sempre tivesse tido o sentido que lhe damos e como se o sentido atual fosse único e óbvio. O sociólogo inicia o que ele mesmo chama de “passeio” pelos elementos que a etnografia lhe fornece, indo da pessoa como personagem de um clã ao “eu” moderno, individual, do culto ao “eu” em toda sua aberração, mas também ao reconhecimento do “eu” dos outros. Ele passa pela *persona* latina, sua relação com as máscaras rituais e teatrais e pela atribuição entre os romanos de nomes, pre-

nomes e especialmente os cognomes que somente quem pertencesse a uma determinada linhagem poderia usar.

De acordo com Mauss, é possível identificar uma história evolutiva da categoria de pessoa, porque o germe do eu-indivíduo já está presente na expressão da pessoa como personagem nas sociedades tradicionais, cuja estrutura social ainda vigora entre os índios Pueblos americanos e entre os Aruntas e outros povos da Austrália, por exemplo. Esse germe se verifica na transmissão por herança da função social que se dá de pai para filho, ou mesmo pela reencarnação, como entre os povos da Austrália e da África. Mauss (2003) vê nisso uma primeira expressão da individualidade da pessoa humana. Para ele, somente com o direito romano o indivíduo nasce, inteiramente relacionado a seus direitos e deveres de cidadão.

Seu contemporâneo, Lévy-Bruhl (2008), por sua vez, construiu uma argumentação de descontinuidade entre as mentalidades dos povos primitivos ou pré-lógicos como gostava de chamá-los, não sem tentar justificar que tais expressões não continham nenhum tipo de desvalorização ou inferioridade implícita em uma escala evolutiva. Segundo o antropólogo, há uma ruptura de mentalidade quando se passa de culturas da participação mística total, para culturas em que o ser humano se percebe distinto do seu meio e em relação com ele. Nas culturas de total participação na natureza, não há indivíduo possível, a pessoa existe na medida em que assume uma máscara e exerce um tipo de participação no mundo, na natureza e na sociedade. A sociedade, nesse caso, é apenas o reflexo do cosmos e não uma estrutura autônoma, conduzida pela vontade dos indivíduos. Clifford Geertz (2012, p. 63) também toma parte no debate ao afirmar, com base no estudo de três sociedades (javanesa, balinesa e marroquina), diferenças culturais no fenômeno universal da identificação de uma pessoa:

É minha experiência que a concepção do que é indivíduo humano, em contraste com o que é uma pedra, um animal, uma floresta tropical, ou um deus, é um fenômeno universal. Ao mesmo tempo, como estes exemplos selecionados aleatoriamente sugerem, as concepções em questão variam de um grupo para o outro, e, frequentemente, existem diferenças profundas entre elas.

As mudanças na concepção da pessoa, seja diacrônica ou sincronicamente, continuam acontecendo. Sociólogos, antropólogos e estudiosos dos meios de comunicação observam o fenômeno midiático e a espetacularização do eu na sociedade contemporânea, a fim de perceber as mutações que



os meios são capazes de engendrar, como práticas de enaltecimento do eu e práticas autorreferentes de apresentação de si. Nos anos 1960, Guy Debord já falava de sociedade do espetáculo e da debilidade espiritual coletiva e individual causada pela presença massiva dos meios de comunicação, entregues à lógica econômica do consumo. Paula Sibilia (2008, p. 8), após a revolução da Internet e o advento da Web 2.0, fala em “hipertrofia do eu até o paroxismo”. Na sociedade individualista – baseada na pessoa como indivíduo livre – nasceu o culto às celebridades. Na sociedade da informação em rede e da produção de conteúdos pelos próprios indivíduos, a nova celebridade é você, eu, cada um de nós, afirma Paula Sibilia.

Da pessoa em total participação mística com a natureza apresentada por Lévy-Bruhl à pessoa como eu individual conduzido ao paroxismo da espetacularização de si, narrada por Paula Sibilia (2008), há muitas vertentes a serem exploradas para se pensar o que poderia constituir uma pessoa dentro do amplo espectro das sociedades humanas. O exercício aqui é identificar, na sociedade contemporânea, as características de uma pessoa que estamos chamando de pessoa-poesia. Não se trata mais de lançar um olhar disciplinar como os da Sociologia e da Antropologia que apresentamos até aqui, mas de experimentar um olhar transdisciplinar aplicado não a um fenômeno social, mas a uma aparição, uma raridade, uma maneira de ser no mundo que, de certa forma, se contrapõe ao fenômeno social massivo do *show do eu*.

Como disse Morin (2005) sobre a sociedade do consumo e do individualismo, houve uma certa tomada de consciência na segunda metade do século XX, de que “ganhar a vida pode significar também perdê-la, que as satisfações materiais se fazem acompanhar de insatisfações espirituais, que a realização do bem-estar exterior suscita um mal-estar interior e que o crescimento em quantidade pode determinar diminuição em qualidade” (Morin, 2005, p. 134). Diante disso, Morin (2005, p. 137) propõe a noção de *homo sapiens demens*, em que o ser humano não é apenas esse indivíduo racional, consumidor e calculador, mas também um ser humano emocional, lúdico e criativo, cuja vida afetiva necessita de direcionamento. “*Homo sapiens, faber, economicus* é unicamente prosaico, inteiramente dedicado na vida ao trabalho, ao útil e ao interesse. Mas *homo prosaicus* também é um *homo poeticus*, aspirando à poesia da vida, feita de intensidade na participação, na comunhão e no amor que leva ao êxtase”. A reflexão de Morin resulta na questão ética de como incorporar e integrar a experiência vivida em nossos

espíritos e como pensar e, sobretudo, viver à altura de nossas pulsões e ímpetos poéticos.

Diante da possibilidade de haver pessoas cuja arte de viver se pauta pelo *homo poeticus*, identificamos três aspectos do pertencimento social de Ailton Krenak que podem justificar esta ideia: seu pertencimento à coletividade indígena com tudo o que isso implica como modo de relação participativa ao cosmos; sua individualidade poética que se expressa pela oralidade e por uma arte particular de performar com o corpo o seu modo de estar no mundo; por fim, sua vocação a ser mediador entre mundos, construtor de pontes entre a cosmovisão indígena e o mundo dos brancos.

O próprio Ailton Krenak (2019, p. 28), ao falar de certos xamãs muito velhos que mantêm viva sua ancestralidade, aponta para a dimensão coletiva de suas existências:

Vi as diferentes manobras que nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chama aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas ‘pessoas coletivas’, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo.

As “pessoas-coletivas” a que se refere Krenak operam manobras de resistência, portanto, têm muita consciência de sua existência e de seu papel na transmissão de suas visões sobre o mundo. Fica claro, nessa afirmação de Krenak, que a consciência coletiva indígena coloca a pessoa em um lugar diferente da participação mística apresentada por Lévy-Bruhl, que via essa condição como absoluta; trata-se de uma atitude de manutenção da consciência da participação no mistério do mundo, mediante a experiência do sagrado e o amor pela beleza. O antropólogo Darcy Ribeiro, que conviveu alguns anos com populações indígenas, descreveu o que ele chamou de “vontade de beleza” no fazer cotidiano das pessoas, na fabricação de objetos, nos ornamentos, nas pinturas corporais para as festas. A habilidade de fazer alguma coisa é, segundo Ribeiro (2008), extremamente valorizada e há um reconhecimento pela coletividade dessa habilidade que algumas pessoas detêm e cuja marca fica impressa no objeto, na arte e na beleza com as quais ele foi feito: “Nestas condições, apesar de não contarem com técnicas muito avançadas nem com grandes artistas, os índios gozam muito mais da arte

como expressão de uma vontade ativa e acessível de beleza do que nós, porque lá todos se expressam artisticamente no esforço diário de fazer ou de usar as coisas mais simples” (Ribeiro, 2008, p. 66). Fazendo eco a essa observação, Krenak também identifica na vida indígena esse cuidado extremo com a beleza que ele associa à concepção de sagrado. “Muita gente tem problema com a palavra ‘sagrado’ e acha que aplicar esse termo à natureza é um exagero, como se fosse uma tentativa equivocada de estender à natureza conceitos que são só da cultura. [...] sagrado pode ser tudo em que botamos os olhos, a depender dos olhos com que enxergamos o mundo” (Krenak, 2015, p. 231).

Ailton Krenak, como mediador entre o mundo indígena e o mundo dos brancos, faz amplo uso de seu pertencimento à cultura indígena em seu aspecto oral, corporal e integrado à natureza. Este é o primeiro aspecto de sua pessoa-poesia a ser destacado a seguir, por meio de sua biografia. Pois, se a poesia atravessa a vida do *homo sapiens demens*, se ela é uma alternativa ética como propõe Morin (2005), uma arte de viver, ela também é determinada pelas condições e circunstâncias da existência de uma pessoa. Em uma perspectiva dialógica, Ailton Krenak foi forjado por uma experiência de nascer indígena e experimentar o desterro urbano dos brancos, mas também se faz instrumento político quando se manifesta intencionalmente em sua filosofia, sua arte e seu corpo.

Ailton Krenak, dizente entre mundos: aspectos biográficos

Ailton Alves Lacerda Krenak, conhecido como Ailton Krenak, carrega em seu nome e em seu corpo o povo indígena ao qual pertence, os krenak, que vivem na divisa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. A começar pelo nome, todo um universo outro se constitui, pois compõe uma existência cuja identidade está pautada pelo coletivo: a pessoa de Ailton é krenak, antes de ser mineira. E ser mineiro é algo reivindicado como marca singular por muitos dos nascidos no estado de Minas Gerais. Yussef Campos (2022, p. 97-98) relata que, ao receber Ailton em sua casa para um almoço, por ocasião de uma palestra de Krenak na Universidade Federal de Goiás, esperou-o com:

[...] uma bela mesa com arroz, tutu, costelinha, angu e couve, além de um aperitivo. Disse, com meu orgulho mineiro, que, para receber tão ilustre

convidado, também mineiro, nada melhor que uma comida de nossa terra. Sem titubear, o convidado disparou: ‘Antes de ser mineiro, eu sou Krenak’.

A atitude de Krenak performa uma ação que é política nos gestos aparentemente mais comecinhos. Yussef, naquele dia, estava acompanhado por autoridades, professores de universidades federais (Pelotas e Rio de Janeiro). Ao afirmar-se krenak, antes de ser mineiro, Ailton provoca, convoca à reflexão e coloca-se com o seu grupo e sua memória diante do homem branco, reivindicando o direito a uma existência que é coletiva e outra; sua singularidade está em ser uma pessoa coletiva, que não nega a identidade mineira, mas coloca antes dela a identidade indígena, da qual ele é uma célula em que pulsam e são repartidas, no tempo e no espaço, incontáveis narrativas. Em suas palavras: “As pessoas pertencem a coletivos, suas histórias são de profunda interação com uma constelação de gente que na base mesmo, costuma estar a sua herança cultural, seus avós, seus ancestrais” (Krenak, 2023, p. 11).

O hoje filósofo da floresta, escritor e ativista, nasceu em 1953, na região do córrego do Itabirinha, Minas Gerais. Aqueles que ali viviam davam aos territórios que ficavam à margem o nome do rio e, quando se tratava da região da cabeceira do rio, esta recebia o nome do córrego.

Não é possível assegurar total precisão sobre os dados biográficos de Ailton Krenak, já que estes registros se fazem por meio do relato oral, além de colocarem em convergência mundos distintos, o do indígena e o do homem branco, cujos modos de nomear pessoas e lugares não são idênticos, por uma percepção de pessoas e lugares que também não coincide por completo.

Segundo o relato de Hiromi Nagakura (2023), após perseguições contínuas ao seu povo, Ailton e sua família adentraram à floresta, mas logo vieram pecuaristas, madeireiros, e, continuamente perseguidos e expulsos, partem para São Paulo. Em outros relatos, como é o caso da entrevista *Rio de memórias* dada ao Museu da Pessoa², o destino é o Estado do Paraná e, depois, São Paulo. Porém, o que compreendemos como imprecisão dos dados biográficos, envolve pontos de vista distintos – Mantena, Itabirinha e o Vale do Rio Doce compõem uma mesma realidade, a depender da perspectiva mais ou menos ampla com que se perceba a região. Também não é um erro dizer que do território krenak a família de Ailton partiu para São Paulo, pois a passagem pelo Paraná figura em uma mesma realidade macro, a fuga

da floresta (ou a expulsão de lá) para a cidade, assim, a exatidão dos dados importa menos do que a afetação gerada pela experiência vivida.

Sobre sua infância, Krenak afirma que mais relevante do que os eventos, vale aquilo que nele permanece, o que resultou das andanças na beira do rio, quando ele e os outros meninos batiam um balaio no barranco, com o qual poderiam retirar uma “traíra bacanona”, mas ao mesmo tempo, despertar “uma cobra, uma sucuri, um bicho” (segundo seu depoimento, *Rio de memórias*, ao Museu da Pessoa). Para Krenak, essa ação no mundo foi um treino, um desafio, para que os meninos de sua aldeia aprendessem a lidar com a complexidade do mundo. Ao valorizar a apreensão do mundo pela experiência do corpo, a pessoa Ailton Krenak converge para a nossa compreensão do que consiste na própria razão de ser da poesia:

O signo poético é caracterizado por sua especificidade, por permitir uma experiência que deverá ser vivida com todos os sentidos [...]. Se todo processo de comunicação começa e termina no corpo, o signo poético é forma privilegiada, uma entre as mais intensas instâncias da comunicação, a comunicação que envolve intensamente a percepção e a experiência, concretizadas no corpo (Silva, 2012, p. 132).

Aqui, dialogamos com Miranda e Pires (2017, p. 200), em sua percepção da importância do texto poético para a performance segundo Zumthor, quando afirmam que:

Todo texto poético é, nesse sentido, performativo, na medida em que aí ouvimos, e não de maneira metafórica, aquilo que ele nos diz. Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá.

Em seu depoimento ao Museu da Pessoa (2007), Krenak conta que teve uma infância movimentada e cheia de aventuras, porque estava sempre acompanhado de muita gente: seis irmãos, 50 primos, muitas tias, todos próximos uns dos outros. Podia dormir ou comer na casa de qualquer parente, pois essa casa também era considerada dele. O mundo era aprendido pelo tato, pelo olfato, com todos os sentidos. Os pés liam o fundo dos rios, pois metendo o pé na água era possível saber se o que estava por baixo era uma laje de pedra, material orgânico ou um pau que furava. Entre os episódios que mais marcaram a sua infância, conta o do coice que tomou da égua Natureza, criada pelo irmão. Com ela, aprendeu a ter limites, impostos pela pata do animal que o golpeou na boca do estômago.

Vivendo na cidade, Ailton e sua família ergueram um barraco na beira de uma estrada e trabalharam como vendedores ambulantes, carregando cimento em obras e em caminhões (Nagakura, 2023, p. 12). Plantavam e colhiam verduras e milho em um terreno ao lado da casa e, logo, uma outra família os expulsou. Foi quando, esgotado, vomitou sangue e precisou ser internado por causa de uma úlcera gástrica. Estava padecendo de pânico. Ao longo desses eventos, da infância marcada pela realidade das invasões dos territórios indígenas à juventude, com a precarização da vida na cidade grande, assimilou a língua portuguesa, estudou e se tornou produtor gráfico e jornalista.

Na década de 1980, intensifica-se a sua luta pelos direitos dos indígenas e habitantes das florestas. Em 1987, por ocasião das discussões sobre a reforma da constituição brasileira, participou como convidado na mesa de debates sobre os direitos dos povos originários. Em sinal de protesto, discursou no plenário, com um improvisado terno branco e pintou o rosto de preto, fazendo referência à tinta de jenipapo utilizada pelos indígenas, ação com o significado de luto, mas também de luta, que o tornou conhecido nacional e internacionalmente³. Com esta performance, singularizou-se com o uso da tradição, pois ao trazer o gesto ancestral, além de defender o coletivo ao qual pertence, ficou marcado como indivíduo no mundo dos brancos: o ativista Ailton Krenak. Pensamos que a reflexão de Paul Zumthor (1993, p. 222) sobre a performance, embora feita em relação a outro contexto, auxilia-nos a iluminar a conduta de Krenak.

Uma pessoa expõe-se nas palavras proferidas, nos versos que canta uma voz. Eu a recebo, eu adiro a esse discurso, ao mesmo tempo presença e saber. A obra performatizada é assim diálogo, mesmo se no mais das vezes um único participante tem a palavra: diálogo sem dominante nem dominado, livre troca.

A repercussão do gesto simbólico e a continuidade da militância de Ailton Krenak o levou a viajar por todo o Brasil e por diversos países, sempre em defesa da pluralidade, da diversidade, da compreensão de que os humanos, por serem natureza, são radicalmente diferentes uns dos outros e que é necessário promover uma política da afetação de uns pelos outros, antes de pensar em ideais de igualdade:

Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, a vi-

da, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia de finitude (Krenak, 2022, p. 42-43).

Com a pandemia de Covid 19, intensificou sua atividade nas redes digitais, com a ocupação de espaços institucionais e políticos.

Diferente da pessoa descrita por Debord, voltada ao espetáculo, ou da mencionada por Sibilia (2008), da hipertrofia do eu, Krenak fala com base em sua ancestralidade, defende coletivos e provoca reflexões sobre questões diversas, em uma perspectiva transdisciplinar.

Foi assessor especial para assuntos indígenas no governo de Minas Gerais entre 2003 e 2010. Recebeu o título de doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pela Universidade de Brasília, o que demonstra o reconhecimento da importância dos saberes tradicionais para um projeto de humanidade que se compreenda inclusiva de conhecimentos que transcendem aqueles alcançados pelo letramento. Tornou-se o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Academia Mineira de Letras e, em seguida, na Academia Brasileira de Letras, em 2023, o que demarca sua contribuição para a literatura e ressignifica a ideia de intelectual e a de autor, já que se trata de um intelectual, poeta e filósofo da tradição oral e um autor que conta com processos coletivos para a transcrição de suas obras.

No trânsito entre sua origem e o universo não indígena, tornou-se um dizente, um *medium* entre mundos, na acepção de Castro e Dravet (2014). Em uma poética antropofágica de devoração e transformação das diferenças (Silva, 2023), é um tradutor entre culturas, propagando a cosmovisão indígena e oferecendo outras possibilidades de se pensar a noção de humanidade. Seu papel mediador possibilita a compreensão de um estar no mundo em que natureza e cultura, materialidade e espiritualidade, não estão apartadas, mas são níveis distintos da humanidade a ser experimentada em toda sua complexa multiplicidade; a complexidade da vida, cujo sagrado está no próprio cotidiano, seja ao se criar uma ferramenta para uma tarefa diária ou um adorno para o corpo, seja no balançar na rede, ou ao se dançar e celebrar a memória dos ancestrais e, inclusive, trazê-los para dançar junto: “Todos esses artefatos, esses objetos, eles são recursos do cotidiano, tão essenciais quanto uma ponte para atravessar o rio ou um fogo para cozinhar” (Krenak, 2023, p. 24-25).

Krenak explica que a confecção de um balaio, de uma canoa, de um adorno corporal, são formas materiais, utilitárias, mas são objetos carregados de sentido, cujo uso prático contém o mundo simbólico, o sagrado, além de serem pensados com o intuito de produzir o mínimo de interferência na natureza: “Quando chegamos à Terra, descemos como pássaros que pousam silenciosamente, e um dia partimos de viagem ao céu, sem deixar marcas” (Krenak, 2023, p. 30). A poética do cotidiano é política, ética, espiritual e estética, pois está relacionada a um viver com propósito, beleza, responsabilidade, conexão com a natureza e com os ancestrais:

Idealizamos viver em um lugar bonito e introduzir apenas técnicas úteis a esta vida. Mesmo as pessoas que vivem na cidade, se souberem equilibrar utilidade com natureza, quem sabe a vida possa ser melhor. Assim como as águas dos rios enchem ou esvaziam de acordo com a estação das chuvas, é preciso aprender a respeitar o ritmo da natureza, aprender que existe tempo de abundância e de escassez (Krenak, 2023, p. 28).

Ailton Krenak tece sua existência, pautada pelo coletivo, pelo trânsito, que permite ao homem branco vislumbrar um modo diverso de viver, ao passo que ele mesmo, Krenak, alimenta-se dessa relação com o mundo não indígena para organizar e liderar os povos da floresta, representando-os institucional e simbolicamente. Ao erguer sua voz, Ailton não fala apenas por si, mas por seus familiares e seus parentes, forma de nomear outros povos originários. Por meio de narrativas, presentifica a memória herdada de seus ancestrais e promove a revisão do conceito de humanidade: “uma maneira de reconhecer os humanos como apenas mais uma espécie planetária, ao lado dos chamados não humanos: os animais, rios, montanhas, as plantas e tudo o que existe” (Krenak; Duarte, 2023, p. 4). Apresenta, desta forma, a narrativa de uma humanidade que integra passado, presente e futuro, humanos e não-humanos, o visível e o invisível, o material e o imaterial, em uma dança cósmica que celebra o corpo, com todos os outros corpos, em um convite para romper fronteiras:

Então, essas memórias antigas nos ajudam a pensar na possibilidade de mundos que sejam intercambiáveis, que possam se alternar em diferentes espaços e lugares, se não as fronteiras vão continuar sendo a marca mais brutal, mais anti-humana. Precisamos vazar essas fronteiras, feito uma peneira, para podermos transitar esses mundos (Krenak; Duarte, 2023, p. 12).

Nesse processo antropofágico de tradução entre mundos, nem mesmo o sonho se opõe à realidade, mas é visto como um território de afetos e uma fonte de interação com o cotidiano, seja na esfera íntima, quando se conta a alguém um sonho experimentado, ou no reconhecimento de seu estatuto como instituição, que auxilia na tomada de decisões práticas:

Foi o sonho da tradição que me deu o caminho a seguir. Deu-me vitalidade e o sentido de estar conectado com os antepassados. Tomamos decisões importantes quando sonhamos. No sonho, enxergamos qual o melhor caminho a seguir. Se não conseguimos sonhar, nada acontece. Esperamos sonhar (Krenak, 2023, p. 21).

Há em Krenak um sujeito ativo, sensível e aberto, dado o contexto de sua biografia, marcada pelo trânsito entre culturas. A infância experimentada em profunda conexão com a natureza, a tradição oral que precisou se confrontar com o letramento, o pânico vivido na metrópole e as oportunidades de dialogar com instituições culturais e governamentais trouxeram a Ailton Krenak a possibilidade dessa antropofagia como vingança crítico criativa, um enfrentamento ao mundo posto pela sociedade branca, à qual responde com a proposta de uma guinada radical em busca de um mundo diverso e não uno, de um futuro cuja chave está na ancestralidade. Krenak (2020, p. 26-27) parece realizar o *homo poeticus* proposto por Morin (2005), simplesmente por ousar a própria existência como revolução, em um corpo que possa experimentar o simples prazer de estar vivo. Afirma que há “pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida”.

Krenak se faz um tradutor entre vários mundos, um propositor de rupturas, transformações e invenções de outros mundos possíveis, nos quais a relação com o outro seja um investimento compreensivo na riqueza que significa a diferença. Diante da hiperprosa que nos consome, retomando Morin (2005), do tempo objetivado, monetarizado, calculado, diante de uma sociedade em convulsão, angustiada pela incerteza do futuro, somos convocados ao agora:

O amanhã não está à venda. Acho que esse é um convite para pensarmos sobre viver o dia de hoje, viver com tudo, a experiência de cada dia com o sentido renovado de um presente, não de uma prospecção de tempo. Mas este

presente que te possibilite como um dado interior de estar no mundo da melhor maneira aqui e agora (Krenak; Duarte, 2023, p. 20).

Talvez seja essa percepção do presente que faz de Ailton Krenak capaz de expressar intensamente, presentificando no corpo seu pensamento, sua filosofia, seu modo de estar-no-mundo de uma maneira tão envolvente, lançando mão da oralidade e fazendo uso dos meios audiovisuais e das mídias a seu dispor de maneira singular, fiel ao mesmo tempo à sua personalidade e a seu pertencimento coletivo indígena.

Ailton Krenak, pessoa-coletiva: poesia, filosofia e ação política

Ailton Krenak alfabetizou-se, mas deu e dá continuidade à forma ancestral de transmissão de conhecimento dos povos originários, a oralidade, compreendida por ele como importantíssima reserva de produção e compartilhamento de saberes. É possível acessar suas narrativas e reflexões por meio das palestras, dos incontáveis eventos em que participa, ao vivo ou nas redes sociais, mas também na publicação de seus livros, constituídos como transcrições de seus relatos orais.

Em suas performances, a pessoa coletiva se faz criativa, poeta, no uso da narrativa carregada de imagens, metáforas, capazes de sensibilizar, afetar, convocar: “Vamos escutar a voz do rio, pois eles falam” (Krenak, 2022 p. 27); “Temos que reflorestar o nosso imaginário” (Krenak, 2022, p. 71); na criação de neologismos para dar visibilidade a todo um constructo conceitual de cunho ético e político, como no termo “florestania” (Krenak, 2022, p. 75), que se contrapõe ao conceito de cidadania, já que a cidadania defendida pelos brancos deixa à margem aqueles que habitam a terra de outro modo, sejam indígenas, quilombolas, ribeirinhos ou seringueiros; na construção de uma proposta de ação no mundo baseada em “alianças afetivas” (Krenak, 2022, p. 82):

Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser, introduz uma desigualdade radical diante da qual a gente se obriga a uma pausa antes de entrar: tem que tirar as sandálias, não se pode entrar calçado (Krenak, 2022, p. 82).

Além da oralidade, outro importante meio utilizado na comunicação de Ailton Krenak é a arte, porque também não se separa arte de cotidiano, na visão indígena. A arte e o sagrado, compreendido como uma conexão sensível com a beleza de tudo o que existe, está em seus desenhos, que ilus-

tram alguns de seus livros, nas pinturas, com as quais já realizou exposições, no teatro, ou em sua performance, em seu corpo coletivo, portador de narrativas e de uma estética que remete a seu povo e a seus ancestrais. Em uma crítica ao excesso de tecnologias e, conseqüentemente, de resíduos produzidos pelo homem, afirma que “O equipamento que precisamos para estar na biosfera é exatamente nosso corpo” (Krenak, 2020, p. 45). E esse corpo não apenas complementa a linguagem verbal, mas é ele mesmo portador de uma comunicação complexa: “Pinturas corporais são como um cartão de visita. Demonstram a ideia de origem e expressam se nasceu um bebê na família ou se houve alguma notícia triste” (Krenak, 2020, p. 44).

A estética que se faz política está na práxis do cotidiano, como portadora de usos e sentidos que desvelam a cultura krenak e também porque comunicam de forma ora contundente e dramática, como no caso da tinta preta usada no rosto de Ailton em 1987, mas também em uma perspectiva lúdica e criativa, como na série *Conversas na Rede*, realizada pelo projeto *Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida*, em que Ailton dialoga com convidados (tais como o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro⁴ e o fotógrafo Hiromi Nagakura⁵), balançando em redes de tecido. As redes seguem a tradição indígena, mas são colocadas em espaços institucionais, tais como o instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Além do balanço na rede e da conversa, há música, como na participação da cantora, compositora e pesquisadora Marlui Miranda. Aqui, a performance fomenta o diálogo crítico e criativo entre estéticas distintas, concepções de arte vindas de dois mundos, pontos de vista ora divergentes, ora convergentes, o que nos remete novamente a Zumthor (1993, p. 222):

A comunicação oral não pode ser monólogo puro: ela requer imperiosamente um interlocutor, mesmo se reduzido a um papel silencioso. Eis por que o verbo poético exige o calor do contato; e os dons de sociabilidade, a afetividade que se espalha, o talento de fazer rir ou de emocionar e até um certo pitoresco pessoal foram parte de uma arte e firmaram mais de uma reputação [...].

Ailton Krenak busca organizar ações com o objetivo de valorizar e propagar o patrimônio cultural e artístico indígena, incitando a reunião de diferentes povos, por meio da organização de festivais, como o *Festival de Danças e Culturas Indígenas*, que ocorre na Serra do Cipó, em Minas Gerais, desde 1998. Adaptou a ópera *O Guarani*, criada em 1870 por Carlos Gomes como adaptação do romance de José de Alencar, publicado como folhe-

tim em 1857. Na versão contemporânea, em uma resposta provocativa, questionadora e antropofágica, o viés eurocêntrico da obra é posto de cabeça para baixo: Ceci é uma mulher indígena, e Peri, um homem branco. Participam atores e cantores indígenas, em uma proposta que devora e regurgita de outra maneira a leitura idealizada do indígena descrito na obra de Alencar, forte marca da literatura brasileira do romantismo.

São muitas as iniciativas de congregar pessoas, difundir e fortalecer a cultura indígena, entre as quais estão a participação na fundação do Centro de Pesquisa Indígena, a coordenação da União das Nações Indígenas, a Embaixada dos Povos da Floresta e a União dos Povos da Floresta. Ailton Krenak desenvolve ações recorrentes em organizações no mundo branco, o que demonstra seu esforço gregário para a defesa das causas indígenas. Há, portanto, um duplo movimento dialógico, em que não apenas o filósofo da floresta (nomenclatura que já é composta por dois polos aparentemente distintos) faz a mediação do mundo indígena para o mundo branco, mas na qual ele se utiliza de espaços institucionais e de poder dos brancos, com a finalidade de expandir o olhar do branco para o universo indígena e, assim, promover o debate e militar por causas urgentes, ainda que muito antigas, como a necessidade de demarcação de territórios e o questionamento sobre o uso dos recursos por mineradoras.

Os livros que publicou são transcrições de relatos orais e combinam reflexões de Krenak como pessoa crítica e criativa, mas também coletiva, ao narrar histórias dos ancestrais. Nas publicações, faz referência a intelectuais, cientistas, poetas, antropólogos, brasileiros e não brasileiros, tais como Michel Foucault, Emanuele Coccia, Carlos Drumond de Andrade e outros.

Por meio de uma poética peculiar, Krenak exerce um ativismo político, colocando-se ao mesmo tempo como ativista indígena, filósofo, poeta, artista. Faz-se capaz de viver em palimpsesto, com muitas facetas que congregam mundos distintos e sempre retomam as narrativas da ancestralidade: “Apaixonado é que consigo estar na porta do mundo ancestral. Quando tive o despertar de ser um herdeiro da minha cultura, veio-me a decisão de trabalhar com reverência e humildade para com a nossa tradição” (Krenak, 2023, p. 22).

A vida de Ailton Krenak é poética, assim como sua ação é política. E política é a própria continuidade das narrativas ancestrais, que permitem que toda uma cultura resista. Desde a chegada dos colonizadores, os indíge-

nas enfrentam a tomada de seus territórios, doenças trazidas pelos brancos, inúmeras perdas que resultam no espanto com o fato de que ainda sobrevivam. “A identidade que o meu povo carrega até hoje, mesmo depois de ter enfrentado tanta hostilidade, não cortou a ligação que temos com a nossa memória, com esse rio de memória ancestral que alimenta a nossa existência nos campos” (Krenak; Duarte, 2023, p. 39). Também nesse sentido corpo e espírito não se separam, porque enquanto um corpo krenak resistir contando sua história, toda uma nação sobreviverá.

Ailton Krenak, pessoa-natureza: corpo, vida e humanidade ampliada

Ailton Krenak é atravessado por uma noção de pessoa-natureza: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (Krenak, 2020, p. 17). A natureza é também fonte de conhecimento e de invenção, que se relaciona com a ancestralidade, a tradição e os ritos, heranças abertas, que continuam sendo construídas no presente. Aprende-se no cotidiano, não apenas com os mais velhos e com as narrativas ancestrais, mas também com as montanhas, o vento, os rios e tudo que vive. A tradição é vivida no agora e requer silenciamento, escuta e invenção:

Na floresta não há essa substituição da vida, ela flui, e você, no fluxo, sente a sua pressão. Isso que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. Para além da ideia de ‘eu sou a natureza’, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida (Krenak, 2020, p. 99-100).

Krenak (2020, p. 22) observa que a humanidade vem se descolando desse grande organismo vivo que é a Terra, deixando ao largo uma espécie de sub-humanidade, uma gente que, segundo o poeta, permanece “agarrada na terra”: “Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe” (Krenak, 2020, p. 22).

Ele percebe como absurda a ideia de humanos se descolarem da terra. Compreende esse deslocamento como uma abstração civilizatória que “[...] suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e

de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (Krenak, 2020, p. 23).

Essa abstração civilizatória, o filósofo indígena a situa na história ocidental e faz a crítica à cisão conceitual efetuada pela filosofia e o pensamento científico: “Alguns autores do século XIX conseguiram identificar um momento em que foi interessante para algumas sociedades definir o que é natureza e designar uma espécie de separação, um corte radical entre o que é cultura e o que é natureza” (Krenak, 2023, p. 61). Mas ele mesmo propõe parar de pensar nessa ruptura e convida a começar a pensar na dança da vida, no movimento do corpo que acompanha o movimento da natureza e que, por ser criativo, produz beleza, alegria e coloca o ser humano em harmonia com o cosmos (Krenak, 2019).

Se o ser humano é natureza, a noção de pessoa não pode corresponder apenas ao ser individual consciente de si e apartado da natureza, nem ao ser moral dotado de consciência reportado pelos antropólogos e sociólogos. A pessoa indígena, como vimos, é coletiva porque ela também é natureza. Por isso, ela é ao mesmo tempo única e cósmica. No sentido indígena, a noção de cosmos inclui a dimensão universal do humano, mas vai além, remete à vida da natureza, a todos os seres vivos existentes, inclusive aqueles que já passaram a fronteira da vida na terra, e vivem em outros planos, muito próximos de nós: os ancestrais.

Há um dado importante na noção de humanidade ampliada dos indígenas que Ailton Krenak nos lembra, quando fala dos sábios ancestrais, dos xamãs e das pessoas-coletivas que carregam a narrativa de toda a tradição. É a história indígena, diz ele, narrada, transmitida de forma sempre renovada, atualizada, regenerada pela fala dos corpos, a fala encarnada da oralidade, a fala que flui não se sabe bem como, mas que flui bem melhor do que a escrita que fixa. Essas narrativas provêm do conhecimento ancestral dos antigos e se manifestam quando os espíritos da floresta vêm dançar com as pessoas, nos rituais. Nesses casos, o corpo de todas as pessoas presentes no rito é desejado pelos espíritos que ali, uma vez mais, vão experimentar o prazer de estarem vivos em um corpo que é natureza. Mais uma forma de conexão com essas noções de humanidade e de natureza, ambas ampliadas por meio da conexão entre vida e morte, termos da realidade entre os quais não existe fronteira.

Percebe-se com isso que até mesmo o que é chamado, em uma perspectiva não indígena, de sobrenatural é, para o pensamento indígena, natureza. “Nas tradições que eu compartilho, não existe poder sobrenatural. Todo poder é natural e nós participamos dele” (Krenak, 2020, p. 56). Para Gardel (2019, p. 13): “O rito, por seu turno, traz a possibilidade vital e cruel das experiências de transformações e metamorfoses orgânicas, saindo do conhecimento que nasce do controle da simbolização e da conceituação, dos esquemas lógicos que levam ao uno e à ausência de conflito”. Não há nada, nem na vida, nem no pós-vida dos seres desencarnados, que não constitua, em suma, a natureza, o cosmos ao qual pertencemos, no qual vivemos e com o qual temos a nossa participação, o nosso envolvimento. A noção de envolvimento é central para Krenak (2023). Segundo ele, ela deveria substituir a de desenvolvimento, obsessão ocidental fundamentada na visão economicista do mundo, em que a vida é para ser consumida em lugar de ser vivida.

Com Ailton Krenak, a própria noção de pessoa-poesia se amplia à medida que ele traduz uma noção de humanidade ampliada, uma noção de natureza ampliada e faz questão de mostrar o envolvimento necessário nas alianças entre as diversas formas de vida, muito além de uma diversidade avaliada em termos de identidades de grupos humanos, mas em termos de espécies e formas de vida tão diversas como a multitude de astros no universo. É possível ser filho do sol e contar narrativas que nos mostram nosso pertencimento ao sistema solar antes de pertencermos a um determinado grupo social. É possível experimentar uma aliança com a montanha, tirar o *antropos* do centro da reflexão sobre identidade e sobre a relação humano-natureza. Quanto a essa consciência da necessidade de estabelecer vários tipos de alianças afetivas, Krenak (2022, p. 82-83) conta:

Eu escapei das parábolas do sindicato e do partido (quando um pacto começa a cobrar tributos já perdeu o sentido) e fui experimentar a dança das alianças afetivas, que envolve a mim e uma constelação de pessoas e seres na qual eu desapareço: não preciso mais ser uma entidade política, posso ser só uma pessoa dentro do fluxo capaz de produzir afetos e sentidos.

É dessa maneira que Krenak convida a experimentar novos mundos, fazer novas alianças, imaginar novas narrativas. Deixar o cálculo de lado, substituir a linguagem da vantagem, da estratégia e do benefício econômico pela linguagem do envolvimento afetivo, do vínculo com a vida no planeta que nos acolhe. “Que mundo queremos compartilhar?”, pergunta ele aos

conferencistas da ONU pelo desenvolvimento. Porque se não queremos compartilhar nenhum mundo, vamos continuar fazendo conferências inúteis (Krenak, 2023, p. 71). O diálogo é imaginário, literário, mas não deixa por isso de ser real. Envolve a consciência que o filósofo indígena tem de ser essa pessoa-poesia no fluxo, capaz de produzir afetos e sentidos.

Considerações finais

O que transparece ao final desta reflexão sobre a pessoa-poesia de Ailton Krenak é a relação intrínseca entre a cosmovisão indígena do filósofo e a forma como ele expressa a sua existência em um mundo não indígena, no qual ele se apresenta como intérprete, dizente entre mundos, por meio de sua performance que congrega elementos e saberes de mundos quase opostos. Tal perspectiva nos ajuda a participar no debate sobre a noção de pessoa entre os povos originários – dispensando aqui o termo “primitivo” – levantado por Mauss (2003) e Lévy-Bruhl (2008). A pessoa-coletiva indígena que se expressa em Ailton Krenak, dado seu envolvimento e sua participação a uma realidade cósmica chamada natureza é também pessoa-natureza, vive com, através e além do corpo, transcendendo os limites impostos à matéria pela força espiritual da imaginação. Vive, portanto, totalmente integrada a essa noção de natureza que não admite nada de sobrenatural. Tal participação – chamada por Lévy-Bruhl de participação mística – não implica, como vemos com Krenak, nenhum tipo de ruptura entre a existência coletiva do ser e sua existência como indivíduo.

Como escreveu Morin (2008), os nossos ancestrais caçadores-coletores desenvolveram técnicas para as quais usaram de seu pensamento estratégico ao mesmo tempo em que acompanhavam esses atos técnicos com ritos mágicos ligados às suas crenças – suas narrativas, diria Krenak. Foi a observação dos ritos mágicos que fez alguns antropólogos imaginarem que aquelas populações eram primitivas e não tinham ainda desenvolvido uma consciência de si, desencadeadora da razão prática e da noção de pessoa, separada da natureza. Ao contrário! – eleva-se a voz de Krenak, é por termos muita consciência da nossa participação no mundo que somos a esse ponto envolvidos com a dinâmica da natureza, com a dança cósmica. É justamente por orientarmos nossa consciência individual para a vida coletiva que somos pessoas-coletivas, pessoas-natureza! A participação mística é real, todavia,

não prescinde da consciência individual para que as alianças afetivas se estabeleçam e criem sentidos.

A performance em Krenak é singular e ao mesmo tempo coletiva, porque retoma a voz indígena que se faz ouvir na mídia e na literatura, seja no uso das redes sociais, nas quais aparece sempre com adornos indígenas, seja na literatura, transformada por um autor que dá voz a uma escrita individual e coletiva. O poeta e escritor Ailton Krenak constrói a linguagem criativamente, ilustra ele mesmo alguns de seus livros, como é o caso de *Um rio*, *Um pássaro*, ao passo que registra narrativas orais ancestrais. Ao assumir sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, vestiu o tradicional fardão de seus membros, mas utilizou também uma tiara indígena. Como expressa Zumthor (1993) sobre a performance, usando de um certo tom pitoresco, quando experimentou a roupa da posse, Krenak afirmou que se sentiu “como uma noiva”⁶, expressão comum no mundo dos brancos. Da maquiagem preta que remete à tinta de jenipapo, do uso das redes sociais para a difusão de narrativas ancestrais, do balanço na rede às palestras descalço em instituições do mundo branco, tudo em Krenak é antropofagia, trânsito entre mundos, em meio aos quais ele se faz um dizente ou tradutor, que se deixa afetar e procura transformar as coisas pela afetação.

Demonstrando os contrastes, as diferenças e as confluências entre mundos aparentemente inconciliáveis, Ailton Krenak propõe alianças afetivas nas quais o envolvimento é mais importante do que o desenvolvimento. Sua performance sugere a possibilidade de se conviver com o diverso, incitando a curiosidade, a aproximação e até a conciliação de aspectos que podem parecer utopias irrealizáveis, a exemplo, tornar um indígena autor, a difundir ideias em contexto internacional no mundo não indígena. Defender a possibilidade de um futuro pela retomada da ancestralidade. Sua performance, pautada por falas, mas também por silêncios, convida à escuta do outro e a outras formas de fruir o tempo. Convida a uma ideia ampliada de humanidade, que congrega também os não-humanos e aqueles que já morreram, os espíritos dos ancestrais.

Para além dessas contribuições ao pensamento antropológico sobre a noção de pessoa, Ailton Krenak também expressa alguns alertas sobre relações que precisam ser restabelecidas entre termos aparentemente separados como vida e morte, corpo e espírito e outras cisões conceituais próprias à civilização que os brancos tentam há séculos impor aos outros. Como ele

mesmo diz, os avanços científicos empenham tantos esforços em prolongar a vida que os brancos pensam que não precisam mais morrer. “As pessoas hoje querem nascer em hospitais e depois viver blindados quanto à possibilidade de morrer. Isso é uma falsificação da vida” (Krenak, 2020, p. 63). Com esses termos e em sua abertura a todo tipo de alianças afetivas, Krenak desperta em quem tem ouvido para escutá-lo a consciência de que a morte também é parte da vida.

Na cosmovisão indígena, mas sobretudo na prática cotidiana de relacionamento com o sagrado e com a beleza, como já visto, existe a evocação e a presença dos mortos que, graças à aliança corpo vivo/espírito ancestral, manifesta-se e amplia a consciência individual e coletiva de uma possível fluidez entre os domínios da vida e da morte. Tal fluidez implica em outra: a dos domínios da matéria e do espírito. Krenak traz todo o tempo seu corpo presente à performance de seu pensamento e de sua ética. Em sua ação política, ele reúne os termos da vida material com os da filosofia, da literatura e da arte. O corpo, nesse sentido, recupera o seu papel comunicacional e, em uma lógica circular aberta, convida à reflexão sobre a relação da cultura branca com a natureza, em contraste com a perspectiva indígena. Krenak, portanto, exerce um pensamento encorpado, que encarna sua ecocrítica e convida ao envolvimento.

A ideia de pessoa-poesia, como dito anteriormente, rompe com o fenômeno massivo da espetacularização de si como fim, por meio de fórmulas pré-configuradas pelas mídias sociais. Abre a possibilidade para um outro tipo de modo de ser no mundo, que não nega o valor e a utilidade das tecnologias de comunicação, mas que se propõe a deixar fluir ali e em outros meios de maior presença (como o teatro, por exemplo) a expressão poética pessoal. Ser integralmente pessoa, em meio a pluriversos imaginários, horizontes vários de possíveis alianças afetivas entre seres. Ser pessoa de corpo presente, vivo e expressivo para dançar a vida cósmica e deixar-se atravessar por ela. Usar a narrativa da tradição oral para fluir o mundo com a poesia no corpo e na palavra. Eis uma maneira rara, original e inovadora de se fazer filosofia no século XXI.

Notas

- ¹ A noção de pessoa-poesia vem sendo construída na pesquisa de estágio pós-doutoral “Clementina de Jesus: Pessoa-poesia em Narrativas Midiáticas”, desenvolvida por Mí-



riam Cristina Carlos Silva, da Universidade de Sorocaba, na Universidade de Brasília, sob a supervisão de Gustavo de Castro e Silva, e na pesquisa: “A Pessoa-Poesia Clementina De Jesus: A Comunicação da Inteireza em Narrativas Midiáticas”, apoiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

- ² Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/rio-de-mem-rias/>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- ³ Na apresentação do livro *Lugares de Origem*, assinado por Ailton Krenak e Yussef Campos, assim como na página 82 do mesmo livro (em depoimento de Campos), a informação é a de que Krenak teria pintado o rosto com a tinta de jenipapo. Entretanto, em entrevista a Adriano de Lavor Moreira, publicada na *Revista de Antropologia*, Krenak afirma que usou maquiagem (lápis Kajal preto) de assessoras da Câmara). Disponível em: Vista do “Ser índio deixou de ser sinônimo de escondido no mato”: uma conversa sobre visibilidade com Ailton Krenak (usp.br). Acesso em: 01 abr. 2024.
- ⁴ CONVERSA NA REDE - Partículas particulares - Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro (youtube.com)
- ⁵ CONVERSA NA REDE - Kokoro | Coração - Ailton Krenak e Hiromi Nakamura (youtube.com)
- ⁶ Em entrevista para O Globo, em 30/03/2024. Disponível em: Veja o fardão de Ailton Krenak, o primeiro indígena na ABL (globo.com).

Referências

- CAMPOS, Yussef. Ancestralidade e prospecção. In: KRENAK, Ailton; CAMPOS, Youssef. **Lugares de origem**. São Paulo: Jandaíra, 2022. p. 81-108.
- CASTRO, Gustavo; DRAVET, Florence. **Comunicação e Poesia**. Brasília: Editora UnB, 2014.
- COHN, Sérgio (Org.). **Encontros**: Ailton Krenak. São Paulo: Azougue, 2015.
- DORRICO, Trudruá; RECALDES, Luna Rosa (Org.). **Caixa de Dramaturgias Indígenas**. São Paulo: Outra Margem; n-1 Edições, 2023.
- GARDEL, André. Poética Antropofágico-Perspectivística para uma Re-Visão do Teatro Brasileiro: a cena de origem. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/78857>. Acesso em: 8 jul. 2024.



GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2012. P. 85-107

KOTHARI, Ashish *et al.* (Org.). **Pluriverso: um dicionário de pós-desenvolvimento**. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Youssef. **Lugares de origem**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

KRENAK, Ailton; DUARTE, Andreia. O silêncio do mundo. In: DORRICO, Trudruá; RECALDES, Luna Rosa (Org.). **Caixa de Dramaturgias Indígenas**. São Paulo: Outra Margem; n-1 Edições, 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Um rio um pássaro**. Rio de Janeiro: Dantes, 2023.

LÉVY-BRUHL, Lucien. **A mentalidade primitiva**. São Paulo: Paulus, 2008.

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do eu”. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. P. 367-398.

MIRANDA, Mariana Lage; PIRES, Yasmin. A poesia no pensamento de Martin Heidegger e Paul Zumthor. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 190-208, ago. 2017. ISSN 1982-0739. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/12301>. Acesso em: 08 jul. 2024.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MUSEU DA PESSOA. **Ailton Alves Krenak** – Rio de memórias. 2007. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/rio-de-mem-rias/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

NAGAKURA, Hiromi. Ailton Krenak por Hiromi Nagakura. In: KRENAK, Ailton. **Um rio um pássaro**. Rio de Janeiro: Dantes, 2023. P. 11-16.

PAZ, Octávio. **O Arco e A Lira**. Cosac-Naify: São Paulo, 2012.



RIBEIRO, Darcy. Brasil: terra dos índios. In: RIBEIRO, Darcy. **Utopia Brasil**. Organização de Isa Ferraz. São Paulo: Hedra, 2008. P. 59-74.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. Sobre o poético e o hipertexto: por uma linguagem da complexidade na sala de aula. In: SOARES, Eliana Maria de Sacramento; PETRANELLA, Leandro. **Cotidiano escolar e tecnologias**: tendências e perspectivas. Campinas: Alínea, 2012.

SILVA, Míriam. Processos comunicacionais e poéticas antropofágicas em narrativas contemporâneas: Communication processes and anthropophagic poetics in contemporary narratives. **Razón y Palabra**, Quito, v. 27, n. 116, p. 203-217, 2023. DOI: 10.26807/rp.v27i116.2009. Disponível em: <https://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/2009>. Acesso em: 30 ene. 2024.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SILVA, Gustavo de Castro da. A metodologia antropofágica de Guimarães Rosa. **Diálogos**, v. 27, n. 2, p. 101-122, 19 set. 2023.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Míriam Silva é doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Pós-doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012). Professora titular do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO), na linha de pesquisa Análise de Processos e Produtos Midiáticos.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6162-332X>

E-mail: miriamcriscarlos@gmail.com

Florence Dravet é bolsista de produtividade nível 2 do CNPq. Doutora em Didactologia das Línguas e Culturas pela Universidade de Paris 3 - Sorbonne Nouvelle. Professora do PPG em Inovação em Comunicação e Economia Criativa e do PPG em Educação Física da Universidade Católica de Brasília (UCB).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3822-3627>

E-mail: flormd@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio artigo.



Este texto inédito também se encontra publicado em inglês neste número do periódico.

Recebido em 07 de abril de 2024

Aceito em 16 de julho de 2024

Editora responsável: Celina Nunes de Alcântara

